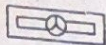


rativo, correspondo ao convite do devotado Director de A Tradição com este singelo relato, que reverbera nutridas pela ideologia do notável acontecimento no meu cérebro do pensador e no meu coração de portugueses.
Lisboa, 2 de junho de 1928.

António Cabreira, Conde de Lagos



Os Dragões de Chaves

(«a valorosa cavallaria de Chaves»)

no Exercito de El-Rei Dom Miguel

Antonio da Costa, o biógrafo entusiasta da *Historia do Marechal Saldanha* (Lisboa, 1879), confessa que «a numerosa cavallaria realista lograva ter a primazia» (pag. 37).

A cavallaria portuguesa, leal á tradição e ao principio rigido da obediencia militar, seguiu em massa a legitimidade de D. Miguel, e constituiu o núcleo principal das tropas de linha no exercito de operações. Bem montada, bem organizada, enfileirava soldados que o serviço envelhecera. Deserções, covardias, faltas de energia e de precisão, abundaram nessa campanha infeliz de 1831 a 1834, mas aquela arma «que conserva mais tempo a linha disciplinada do inicio das operações», afirma Satorio Pires em *Os caçadores no Exercito de Dom Miguel* (Porto, 1918) é a cavallaria (vol. I, pag. 141).

De todas as tropas de cavallaria, a mais célebre pela fidelidade, pela valentia, pelo vigor combativo, foi o Regimento dos *Dragões de Chaves*, a «valorosa cavallaria de Chaves» lhe chama D. Antonio Sá Costa, um inimigo, na *Historia do Marechal Saldanha* (pag. 390). São os soldados fogosos que Saldanha intimamente elogia como chefe militar, quando em 25 de Janeiro de 1834, ao referir-se ao combate de Torres-Novas, diz em officio: «os nossos soldados ardiam em desejo de se encontrar com elles» — os *Dragões de Chaves*, a «afamada cavallaria de Chaves» (D. Antonio da Costa pag. 389).

Os *Dragões* estiveram de principio a fim nas três grandes fases das operações: — no cerco do Porto, 1832 — 1833; — no cerco de Lisboa, 1833; — e na concentração defensiva de Santarem, 1833 — 1834.

Na cavallaria divisionaria da 4.^a Divisão da mobilização de 1831, lá estavam os *Dragões*, sob o comando do coronel Bernardino Mascarenhas da Rosa. Foi com um regimento formado por três esquadrões de *Dragões* e um da Guarda Real da Policia do Porto, que o Visconde de Santa-Marta, comandante da Divisão, atravessou o Rio Douro a 7 de Junho de 1832, para fechar pelo Norte o cerco do Porto, onde ele proprio por indecisão e ineptia deixara alojar o exercito liberal, recém-desembarcado no Mindelo.

A cavallaria é lançada sobre Rio-Tinto (20 de Julho) e um esquadrão de *Dragões* carrega com impeto a sortida do dia 22 de Julho; na sortida violenta do Padrão-da-Légoa, dois esquadrões da mesma unidade carregam de surpresa, salvando com o seu vigor a Divisão de Teles Jordão (28 de Novembro). Quando Bourmont deu o assalto geral ás posições liberaes em 25 de Junho de 1833, a Brigada de Cavallaria de Galvão Mexia garante em linha a retirada: compunham-a 700 cavalos

do 1.^o e 2.^o Regimentos de Lisboa e dos *Dragões de Chaves*.

A 4 de Setembro estava feita a concentração de tropas deante de Lisboa, onde Saldanha organizára a resistencia. A cavallaria formava uma Brigada, a que pertenciam os *Dragões*, e forneceu as tropas da arma a uma Brigada Ligeira de reserva, comandada pelo coronel Dubreuil, chefe do Estado Maior particular de Bourmont: tropa de elite, é provavel que os dois esquadrões da columna fossem de *Dragões*, tanto mais que os «destacavam» em serviços de responsabilidade.

A 5 dá-se o primeiro assalto, do Rego a Campolide; entra nele a gente de Dubreuil, pelas bandas da Palhavã; cometem-se loucuras como a do alferes Luis de Larochejaquelim, que com um esquadrão entrou pela brecha no reducto da Atalaia (Campolide). Falhado o plano por má execução, Bourmont resigna o comando, e substituiu-o Reinaldo Macdonell.

A reorganização do exercito, feita por este General, constituiu a cavallaria em uma Divisão, sob o comando de Mascarenhas da Rosa, coronel dos *Dragões*: Regimentos de Vila-Viçosa, de Elvas, 3.^o de Lisboa e os *Dragões de Chaves*, num efectivo total de 964 homens, dos quaes pertenciam aos *Dragões* 520.

No assalto geral de 5 de Outubro, cuja execução não chegou a ser iniciada, por Saldanha se ter antecedido, a cavallaria dividia-se pelas posições. A resistencia maior dos sitiados foi na Portela de Sacavem: um esquadrão de *Dragões* e outro de Vila Viçosa atacaram de frente e de flanco os liberaes, repellido-os para as trincheiras. Mas no resto das linhas a surpresa foi fatal, e Macdonell dá ordem de concentração e retirada pelo Campo-Grande, Lumiar, Loures, em direcção a Santarem como objectivo. A cavallaria cobre a retirada: em Loures travou-se um combate violento, que em nada modificou a situação militar dos contendores, e continua a retirada com uma forte guarda da-rectaguarda, que Saldanha não ousava atacar.

A Divisão da Cavallaria de Mascarenhas da Rosa faz de voltaface fincapé no Cartaxo, e pára Saldanha, enquanto as tropas de Infantaria recolhem a Santarem, vindo ela então postar-se nas avançadas da Ponte-da-Asseca e do Grainho, sobre Almoester, Azambujeira e Ponte-do-Celeiro. Logo no dia 17 de Outubro, acudiram á Ponte-da-Asseca, ameaçada por Saldanha, quatro esquadrões, dois dos quaes de *Dragões*; não houve porém combate.

Macdonell reorganiza as tropas, para transformar o aspecto de luta, «mudando-a de bloqueio em campanha», na expressão de ele proprio. Substitue-o a seguir o General Póvoas, que determina reorganização nova. A Cavallaria manteve a mesma constituição divisionaria.

Póvoas manobra. Um esquadrão de *Dragões* e outro do Regimento de Vila-Viçosa vão pela Golegã a Torres-Novas, onde andára Saldanha um mês antes; a 25 de Janeiro, este investe a vila, repele a Infantaria; o combate empenha as cavallarias. O entusiasmo é grande: da parte dos liberaes, em bater os *Dragões* temíveis; da parte de estes, em manter a sua fama; «turioso está o combate, decide-se afinal, são vencidos os *Dragões*, enublado o prestigio da valorosa Cavallaria de Chaves, anniquilada a maxima parte d'ella» (D. Antonio da Costa, pag. 390), que foi ali a maior resistencia no Combate de Torres-Novas, para onde Saldanha fôra de Leiria com 3.000 homens. O desastre levou o General miguelista Azevedo Lemos a lastimar que os *Dragões* tivessem então deixado de ser «o terror do inimigo».

Póvoas manda contra Saldanha as tropas de Ricardo

Soares, de guarnição na linha do Mondego, reforçadas talvez por Pita Osorio, que retirava em meados de Janeiro de Leiria sobre Coimbra: atacariam os liberaes pelo Norte; pelo Sul manda a 1.^a Divisão, do Marechal Canavarro, com reforços de Caçadores, Cavalaria e Artilharia: na Cavalaria iam os Dragões. As tropas recuam, os Dragões com Venancio de Menezes protegem os quadrados com cargas sucessivas. Saint-Pardoux opina que o plano de Póvoas só falhou por não terem estas tropas um comandante á altura do valor de Póvoas e de elas.

Póvoas demite-se, por não concordar com os entraves opostos á sua acção, que já fizera recuar Saldanha até o Cartaxo. El-Rei assume o comando: Póvoas na ala esquerda, Azevedo Gomes na ala direita, no dia 18 de Fevereiro de 1834, combate-se desde a Ponte-da-Asseca até Almoster. A Cavalaria tem uma acção primordial no combate e na retirada.

Azevedo Lemos assume agora o comando, nova reorganização, novas manobras, mas os Espanhoes de Terceira e Rodil vem do Norte com as tropas do cerco do Porto á sua frente: Lemos vao estabelecer com elles a ligação, enviando para o Norte as tropas do brigadeiro Soares de Moura. Concentram-se em Coimbra, mas retiram em Maio ante o desembarque de Napier, mais estrangeiros, na Figueira. Vem a Tomar, dirigem-se a Santarem, sempre com os liberaes em cima, até Asseiceira, onde se dá o combate, mixto de vergonhas, mas onde a heroicidade de algumas unidades salva a honra militar (16 de Maio).

O inimigo á porta, a derrota de Asseiceira, a retirada dos restos das tropas de este combate para Evora, urgia abandonar Santarem. No dia 17 atravessa o rio a Cavalaria, cuja missão é atacar e repelir o inimigo, para o exercito passar livremente á margem esquerda; eram os regimentos de Vila-Viçosa e dos Dragões de Chaves, sob o comando de brigadeiro José Urbano de Carvalho. Em vez de cumprir a missão de que o incumbiram, não atacou; ao avistar o inimigo, dirige-se a ele que o cerca; e então Urbano de Carvalho, erguendo vivas á Constituição, acena com um lenço e entrega traiçoeiramente a Cavalaria. Os Dragões só á traição teriam deposto as armas.

«Os que no campo infeliz não sabiam o nome d'ella (a honra), diz D. Antonio da Costa, como o ingrato brigadeiro que entregava a Cavallaria de Chaves, passavam-se para a causa liberal, do mesmo que se passariam para a realista, se esta vencesse» (pag. 469). E' o epitafio do traidor.

Depois a derrocada. Evora-Monte. a convenção, o exilio de El-Rei D. Miguel, o licencceamento das tropas, a chacina, as perseguições encarniçadas, a caça ao homem... e as rivalidades sangrentas, as revoluções, os desacatos entre os vencedores.

E os Dragões, trazidos para Lisboa, após a traição do comandante que os entregou, foram convidados a servir a constituição. Falou-lhes o proprio D. Pedro, que os historiadores submissos consideram o IV de nome, o em verdade nunca foi Rei de Portugal, ao mesmo tempo que excluem da dinastia D. Miguel, que foi Rei de direito por proclamação das Côrtes Geraes e Rei de facto pelo exercicio das suas funções. Quem quisesse continuar a servir... propôs D. Pedro aos Dragões. Nenhum se moveu! Foram da mais perfeita lealdade portugueza. Foi D. Pedro quem se moveu, para rodando sobre si, esconder a lição que os soldados transmoutanos lhe davam, vencidos em Lisboa e no periodo da desforra: